

[FICÇÃO][FICÇÃO][FICÇÃO]

Pelos olhos de Lima Barreto

Romance toma como protagonista o autor de 'Triste fim de Policarpo Quaresma'

O passeador, de Luciana Hidalgo. Editora Rocco, 190 páginas. R\$ 26

Elias Fajardo

Segundo José Saramago, ao escritor não cabe corrigir a História, mas sim introduzir nela “pequenos cartuchos” que façam explodir o que até então parecia indiscutível, substituindo o que foi pelo que poderia ter sido. Tradicionalmente, o romance histórico costuma caminhar nesta direção, na medida em que o autor, baseando-se em pesquisa, dá asas à sua imaginação e cria situações que levam o leitor a viajar para outros planos e épocas, inclusive valorizando aquilo que a História oficial não registrou. O próprio Saramago publicou, em 1984, “O ano da morte de Ricardo Reis”, que gira em torno dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Autora já foi premiada por ensaio sobre Lima Barreto

Luciana Hidalgo ganhou o terceiro lugar do Prêmio Jabuti de 2009 na categoria Teoria/Crítica Literária com a obra “Literatura da urgência — Lima Barreto no domínio da loucura”. No recém-lançado romance “O passeador” (Rocco), seu primeiro livro de ficção, ela faz do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto o personagem principal, levando-o a flunar incansavelmente por um Rio de Janeiro que está sendo destruído e reconstruído pelas obras de renovação do prefeito Pereira Passos no início do século XX. Assim, na

primeira parte do romance, Lima Barreto exercita sua crítica ácida contra a destruição de prédios históricos e lugares que faziam parte da memória coletiva da cidade, questionando também a expulsão dos pobres que viviam nos cortiços para os distantes subúrbios. O autor de “O triste fim de Policarpo Quaresma” critica ainda os literatos da época, de Olavo Bilac a Machado de Assis e João do Rio, bem como

a superficialidade afrancesada dos intelectuais da *belle époque* carioca. Mas nesta altura surgem algumas indagações: não seria mais interessante para o leitor mergulhar na própria obra de Lima Barreto, um escritor mulato que viveu num Brasil que acabara de abo-

lir oficialmente a escravidão e sentiu na carne o peso do preconceito, criando romances lancinantes que jogam um foco sobre os excêntricos, os boêmios e os perdedores, num estilo realista e naturalista que renunciou o modernismo?

Tudo isto, é claro, está nas páginas de “O passeador”, mas nas primeiras dezenas delas é quase como se estivéssemos lendo uma reportagem ou um ensaio, e não propriamente um livro de ficção. Quando uma moça recita, por exemplo, alguns versos traduzidos de Baudelaire, a impressão que se tem é mais de um registro destes versos do que

propriamente uma situação real ou verossímil. Por outro lado, é bom que se diga que, na literatura contemporânea, os limites entre os gêneros estão cada vez mais difusos. E que, em qualquer tempo, na literatura, esta arte das vaidades, como a define Luciana, não existem regras nem fórmulas definitivas.

Mesmo assim, o interesse maior no primeiro romance desta autora se dá quando ela

vai além dos dados biográficos do seu personagem, um escritor bastante cultuado, cuja vida trágica e obra multifacetada já foram muito esmiuçadas pelos estudiosos.

Luciana ganhou também um prêmio Jabuti em 1997 pela biografia “Arthur Bispo do

Rosário — O senhor do labirinto” (cuja nova edição, atualizada, também está sendo lançada pela Rocco). Neste caso, o conhecimento que ela tem dos desequilíbrios mentais e da relação deles com a produção de linguagens artísticas, sejam elas escritas ou visuais, foram enriquecedores para “O passeador”. Nos episódios em que Lima Barreto delira, principalmente no capítulo 11, misturam-se épocas, fatos, personagens reais e fictícios de uma forma intensa. Aí estamos diante de um texto em que não importa muito se o personagem foi ou não um dos cânones da ficção e do jornalismo brasilei-

ros, mas sim o sofrimento dele enquanto ser humano atormentado por fantasias que são, de algum modo, ainda que não tão intensas, as que perseguem todos nós.

Durante todo o volume, a autora de “O passeador” foge do perigo de tentar reproduzir o estilo de Lima Barreto. Por um lado, seria uma tarefa impossível e, por outro, esta postura permite que ela exercite livremente seu modo próprio de escrever, que é elegante e fluido, com toques de sensibilidade feminina e alto poder de sugestão. Quanto mais Luciana Hidalgo se permite fazer ficção, mais amplia o alcance do seu trabalho.

Livro captura contradições da belle époque carioca

Bons momentos também acontecem a partir de personagens como Tiago, o livreiro intelectual, interesseiro e cético, amigo de Lima Barreto; sua filha adotiva, a bela e inteligente Sofia; a criada Luisa, uma ex-escrava plena de dedicação e dignidade, e a ambígua prostituta francesa Caroline. É então que a *belle époque* realmente brilha, com as luzes falsas da ilusão e das contradições que se escondem atrás da maquiagem francesa que se derrete com o suor tropical, numa cidade em que, nas palavras da autora, “o olhar (de Lima Barreto) trespassa as ossaturas dos sobrados para observá-los, e a seus fantasmas grudados em paredes invisíveis, incapazes do adeus”. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista e escritor, autor do romance “Ser tão menino” (7Letras)

